

Critérios de Mesmidade[i] - 25/03/2020

Claudio Costa trata do que ele chama _mesmidade_, que é o conceito de identidade pessoal que faz com que uma pessoa seja a mesma ao longo do tempo, ou seja, sua identidade numérica. Isso definido, Costa busca critérios para essa identidade pessoal, que são abordados por teorias físicas e psicológicas, as primeiras se atendo à continuidade corporal ou cerebral, as segundas na manutenção de traços de caráter, recordações pessoais, etc.

Critérios físicos. Costa coloca em dúvida a permanência corporal, já que um corpo morto não é mais uma pessoa. Sobre a permanência do cérebro[ii], Costa se pergunta se seria um critério mais decisivo que o corpo. Não necessariamente, pois se pensarmos em um cérebro mantido em formol ou o de alguém em coma, não se pode considerar que a continuidade do cérebro é exatamente o critério para identidade pessoal.

Teletransporte. Um experimento mental citado por Costa é o de Derek Parfit que trata do teletransporte de uma pessoa da Terra para Marte, em que não haveria continuidade corporal, mas que o filósofo considera ser a mesma pessoa. Peter Unger pensa diferente, dizendo que a pessoa original não existe mais, restando apenas uma réplica. Se, talvez a _continuidade física substantiva_ não seja imprescindível, Costa mostra que ao menos uma _conexão física causal_ deve ser necessária para relacionar a pessoa, o que seria verdadeiro no caso do teletransporte. Porém, se o teletransporte produzisse 5 cópias, por exemplo, não seria possível dizer que se trata da mesma pessoa (como no caso da ameiba: 1 vira 2 que vira 4, etc.). Enfim, citando Robert Nozick, Costa conclui que "a identidade é possível quando a continuidade física substantiva ou causal é _unilinear_".

Critérios psicológicos. O ponto crucial, que Costa atribui a Locke, é o da memória pessoal, ou seja, sei que sou eu até onde vão minhas lembranças sobre mim. Contudo, Costa ressalta que o caso de alguém que perca sua memória, porém guarde traços psicológicos pode facilmente mostrar ser a mesma pessoa. E ilustra com o caso do motorista de Lady Di que perdeu a memória no acidente, embora saibamos que se trata dele mesmo e podemos até informa-lo disso. Assim como o critério da continuidade corporal [objetiva], a permanência da memória pessoal [subjativa] não é critério suficiente para a identidade pessoal.

Por fim, Costa cita alguns casos onde a memória pessoal não seria relevante, quando, por exemplo, em um teletransporte a memória de Arafat fosse trocada com a de Sharon, isso não os faria perder sua identidade pessoal, porém

provavelmente causaria algum desconforto. Muito embora, acrescenta Costa, a memória pessoal deveria ser _confirmada por outra pessoa_ para que de fato pudéssemos comprovar que se trata da mesma pessoa, ou seja, ela seria um pressuposto epistêmico.

Critérios mistos. Costa então propõe uma regra P baseada nos dois grupos anteriores: A e B. Define-se:

Grupo A (_critérios físicos_):

1. Continuidade física substantiva
2. Conexão física causal

Grupo B (_critérios mentais_):

1. Persistência da personalidade e caráter
2. Persistência da memória proposicional e de habilidades

E a Regra P: uma pessoa pode ser considerada a mesma quando ao menos um critério de cada grupo estiver sendo suficientemente satisfeito.

A regra é maximizada quando temos todos os critérios aceitos e se degrada aos casos que quase não sabemos decidir. Ou seja, conclui ele, não há uma condição objetiva para analisar a questão da identidade pessoal.

* * *

[i] COSTA, CLAUDIO. _Filosofia da Mente_, p. 38 e ss. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Passo-a-passo; 52)

[ii] Que teria prioridade sobre o corpo, conforme o exemplo de Sydney Shoemaker da pessoa chamada **Brownson**.